

1.000

QUESTÕES PARA

FCC

SUMÁRIO

LÍNGUA PORTUGUESA	15
→ CASOS GERAIS E EMPREGO DAS LETRAS	15
→ ACENTUAÇÃO.....	15
→ FORMAÇÃO E ESTRUTURA DAS PALAVRAS.....	15
→ ADJETIVO	17
→ CONJUGAÇÃO. RECONHECIMENTO E EMPREGO DOS MODOS E TEMPOS VERBAIS.....	18
→ PRONOMES PESSOAIS.....	23
→ PRONOMES DE TRATAMENTO.....	23
→ ADVÉRBIO	24
→ PREPOSIÇÃO.....	24
→ CONJUNÇÃO.....	26
→ COLOCAÇÃO PRONOMINAL	31
→ SINÔNIMOS E ANTÔNIMOS	31
→ DENOTAÇÃO E CONOTAÇÃO	33
→ FRASE, ORAÇÃO E PERÍODO.....	34
→ SUJEITO	34
→ ORAÇÕES SUBORDINADAS SUBSTANTIVAS	36
→ ORAÇÕES SUBORDINADAS ADVERBIAIS	36
→ PONTUAÇÃO (PONTO, VÍRGULA, TRAVESSÃO, ASPAS, PARÊNTESES, ETC).....	38
→ REGÊNCIA NOMINAL E VERBAL (CASOS GERAIS).....	43
→ CRASE.....	44
→ CONCORDÂNCIA (VERBAL E NOMINAL).....	45
→ VOZES (VOZ PASSIVA E VOZ ATIVA).....	51
→ COERÊNCIA. COESÃO (ANÁFORA, CATÁFORA, USO DOS CONECTORES - PRONOMES RELATIVOS, CONJUNÇÕES, ETC)	57
→ TIPOS DE DISCURSO (DIRETO, INDIRETO E INDIRETO LIVRE).....	63
→ FIGURAS DE LINGUAGEM	70
→ VÍCIOS DE LINGUAGEM (PLEONASMO, AMBIGUIDADE, CACOFONIA, ETC.)	75
→ INTERPRETAÇÃO DE TEXTOS (COMPREENSÃO)	75
→ TIPOLOGIA E GÊNERO TEXTUAL.....	103
→ REESCRITA DE FRASES. SUBSTITUIÇÃO DE PALAVRAS OU TRECHOS DE TEXTO.....	104
→ GABARITO	110

MATEMÁTICA, ESTATÍSTICA E RLM	113
→ MÉDIA PARA DADOS NÃO AGRUPADOS	113
→ MÉDIA PONDERADA	113
→ QUANTIS (MEDIANA, QUARTIL, DECIL, PERCENTIL) E INTERPOLAÇÃO LINEAR DA OGIVA	113
→ MODA PARA DADOS AGRUPADOS EM CLASSES (BRUTA, CZUBER, KING, PEARSON).....	114
→ PROBLEMAS INTRODUTÓRIOS DE PROBABILIDADE: EVENTOS EQUIPROVÁVEIS E ABORDAGEM FREQUENTISTA.....	114
→ PROBABILIDADE DA UNIÃO	114
→ MATEMÁTICA - NÚMERO DE ELEMENTOS DA UNIÃO, DA INTERSECÇÃO, DO COMPLEMENTO E DA DIFERENÇA.....	115
→ ADIÇÃO, SUBTRAÇÃO, MULTIPLICAÇÃO E DIVISÃO DE NÚMEROS NATURAIS.....	115
→ DIVISIBILIDADE, NÚMEROS PRIMOS, FATORES PRIMOS, DIVISOR E MÚLTIPLO COMUM (MMC).....	117
→ FRAÇÕES E DÍZIMAS PERIÓDICAS.....	117
→ OPERAÇÕES COM NÚMEROS DECIMAIS.....	118
→ ANÁLISE COMBINATÓRIA (PRINCÍPIO FUNDAMENTAL DA CONTAGEM, ARRANJOS, COMBINAÇÕES, PERMUTAÇÕES)	118
→ PORCENTAGEM.....	119
→ INTERPRETAÇÃO DE GRÁFICOS E TABELAS.....	120
→ PROPORÇÕES. GRANDEZAS PROPORCIONAIS. DIVISÃO EM PARTES PROPORCIONAIS	121
→ REGRA DE TRÊS SIMPLES.....	121
→ REGRA DE TRÊS COMPOSTA.....	121
→ EXERCÍCIOS ENVOLVENDO VELOCIDADE, ESPAÇO, TEMPO	121
→ UNIDADES DE MEDIDA (DISTÂNCIA, MASSA, VOLUME, TEMPO, ETC)	122
→ SISTEMA MONETÁRIO	122
→ LOGARITMO.....	122
→ EQUAÇÕES DE PRIMEIRO GRAU	122
→ EQUAÇÕES DE SEGUNDO GRAU E EQUAÇÕES BIQUADRADAS	124
→ PROGRESSÃO ARITMÉTICA.....	124
→ FUNÇÃO DE PRIMEIRO GRAU	124
→ INEQUAÇÕES DE PRIMEIRO GRAU (INEQUAÇÕES SIMULTÂNEAS, INEQUAÇÕES-PRODUTO E QUOCIENTE)	125
→ FUNÇÃO DE SEGUNDO GRAU	125
→ RAZÕES E FUNÇÕES TRIGONOMÉTRICAS. CICLO TRIGONOMÉTRICO.	125
→ ÁREA E PERÍMETRO DO TRIÂNGULO	126
→ QUADRILÁTEROS (PROPRIEDADES, ÁREA, PERÍMETRO, SOMA DOS ÂNGULOS, ETC).....	126
→ GEOMETRIA ESPACIAL	127
→ GEOMETRIA ANALÍTICA.....	127
→ JUROS SIMPLES	128
→ JUROS COMPOSTOS.....	128
→ TABELA VERDADE DAS PROPOSIÇÕES COMPOSTAS	128
→ EQUIVALÊNCIAS LÓGICAS (INCLUI NEGAÇÃO DE PROPOSIÇÕES COMPOSTAS).....	128
→ ARGUMENTOS - MÉTODOS DECORRENTES DA TABELA VERDADE	129

→ DIAGRAMAS LÓGICOS, PROPOSIÇÕES CATEGÓRICAS, NEGAÇÃO DE QUANTIFICADORES	129
→ ACIOCÍNIO CRÍTICO.....	130
→ ASSOCIAÇÃO DE INFORMAÇÕES.....	130
→ SEQUÊNCIAS DE NÚMEROS, FIGURAS, LETRAS E PALAVRAS.....	131
→ GABARITO	132

INFORMÁTICA 133

→ CONCEITOS GERAIS DE INFORMÁTICA E INTRODUÇÃO	133
→ WINDOWS 10.....	133
→ LINUX / UNIX	134
→ WORD 2019.....	135
→ EXCEL 2019.....	136
→ POWERPOINT 2019	136
→ WRITER.....	136
→ CALC	136
→ CONCEITOS, MODELOS, TIPOS E TOPOLOGIAS DE REDES.....	137
→ EQUIPAMENTOS, MEIOS DE TRANSMISSÃO E CONEXÃO	137
→ PROTOCOLOS DE REDES.....	137
→ CONCEITOS DE INTERNET.....	138
→ GOOGLE CHROME.....	138
→ RECURSOS, CAMPOS, ENDEREÇAMENTO (CORREIO ELETRÔNICO).....	138
→ COMPUTAÇÃO EM NUVEM (CLOUD COMPUTING).....	138
→ GOOGLE WORKSPACE	139
→ AMEAÇAS (VÍRUS, WORMS, TROJANS, MALWARE, ETC.).....	141
→ FIREWALL E PROXY.....	141
→ PROCEDIMENTOS DE SEGURANÇA DA INFORMAÇÃO (SENHAS, AUTENTICAÇÃO ETC.).....	142
→ APLICATIVOS PARA VIDEOCONFERÊNCIA (ZOOM, MEETINGS ETC.).....	142
→ GABARITO	142

DIREITO CONSTITUCIONAL E DIREITOS HUMANOS145

→ CONSTITUIÇÃO: CONCEITO, ESTRUTURA, SUPREMACIA E CLASSIFICAÇÃO.....	145
→ DOS PRINCÍPIOS FUNDAMENTAIS DA CONSTITUIÇÃO (ARTS. 1º A 4º DA CF/1988).....	145
→ DOS DIREITOS E DEVERES INDIVIDUAIS E COLETIVOS (ART. 5º DA CF/1988).....	146
→ DIREITOS SOCIAIS E DOS TRABALHADORES (ARTS. 6º E 7º DA CF/1988)	147
→ DIREITOS COLETIVOS DOS TRABALHADORES (ARTS. 8º A 11 DA CF/1988).....	147
→ ESPÉCIES DE NACIONALIDADE (BRASILEIROS NATOS E NATURALIZADOS)	147
→ DISTINÇÕES CONSTITUCIONAIS ENTRE BRASILEIROS NATOS E NATURALIZADOS.....	148
→ SOBERANIA POPULAR (VOTO, PLEBISCITO, REFERENDO, INICIATIVA POPULAR), ALISTAMENTO E ELEGIBILIDADE	148
→ INELEGIBILIDADES (DIREITOS POLÍTICOS).....	148
→ PARTIDOS POLÍTICOS (ART. 17 DA CF/1988)	148

→ DA ORGANIZAÇÃO POLÍTICO-ADMINISTRATIVA (ARTS. 18 E 19 DA CF/1988).....	148
→ UNIÃO: BENS E COMPETÊNCIAS EXCLUSIVAS, PRIVATIVAS, COMUNS E CONCORRENTES (ARTS. 20 A 24 DA CF/1988).....	149
→ MUNICÍPIOS - ORGANIZAÇÃO E COMPETÊNCIAS (ARTS. 29 A 31 DA CF/1988).....	149
→ DO DISTRITO FEDERAL E DOS TERRITÓRIOS (ARTS. 32 E 33 DA CF/1988).....	149
→ DISPOSIÇÕES GERAIS (ADMINISTRAÇÃO PÚBLICA - ARTS. 37 E 38 DA CF/1988).....	149
→ DOS SERVIDORES PÚBLICOS (ARTS. 39 A 41 DA CF/1988).....	149
→ DO SENADO FEDERAL (ART. 52 DA CF/1988).....	149
→ COMPETÊNCIAS PARA FISCALIZAÇÃO E TRIBUNAL DE CONTAS DA UNIÃO (ARTS. 70 A 73 DA CF/1988).....	150
→ DO PRESIDENTE E VICE PRESIDENTE DA REPÚBLICA (ARTS. 76 A 83 DA CF/1988).....	150
→ DAS ATRIBUIÇÕES DO PRESIDENTE DA REPÚBLICA (ART. 84 DA CF/1988).....	150
→ ÓRGÃOS DO PODER JUDICIÁRIO (ART. 92 DA CF/1988).....	150
→ JUIZADOS ESPECIAIS E JUSTIÇA DE PAZ (ART. 98 DA CF/1988).....	151
→ DO SUPREMO TRIBUNAL FEDERAL - STF (ARTS. 101 A 103 DA CF/1988).....	151
→ DO CONSELHO NACIONAL DE JUSTIÇA - CNJ (ART. 103-B DA CF/1988).....	151
→ DO SUPERIOR TRIBUNAL DE JUSTIÇA - STJ (ARTS. 104 E 105 DA CF/1988).....	151
→ COMPOSIÇÃO DO MINISTÉRIO PÚBLICO.....	152
→ DA ADVOCACIA PÚBLICA (ARTS. 131 E 132 DA CF/1988).....	152
→ ADVOCACIA PRIVADA E DEFENSORIA PÚBLICA (ARTS. 133 A 135 DA CF/1988).....	152
→ SEGURANÇA PÚBLICA (ART. 144 DA CF/1988).....	153
→ PRINCÍPIOS GERAIS DA ORDEM ECONÔMICA (ARTS. 170 A 172 E 175 A 181 DA CF/1988).....	153
→ DA SAÚDE (ARTS. 196 A 200 DA CF/1988).....	153
→ DA PREVIDÊNCIA SOCIAL (ARTS. 201 E 202 DA CF/1988).....	153
→ DA ASSISTÊNCIA SOCIAL (ARTS. 203 E 204 DA CF/1988).....	153
→ DA EDUCAÇÃO, DA CULTURA E DO DESPORTO (ARTS. 205 A 217 DA CF/1988).....	154
→ DA CIÊNCIA E TECNOLOGIA (ARTS. 218 E 219 DA CF/1988).....	154
→ DO MEIO AMBIENTE (ART. 225 DA CF/1988).....	154
→ DA FAMÍLIA, DA CRIANÇA, DO ADOLESCENTE E DO IDOSO (ARTS. 226 A 230 DA CF/1988).....	155
→ DOS ÍNDIOS (ARTS. 231 E 232 DA CF/1988).....	155
→ DECLARAÇÃO UNIVERSAL DOS DIREITOS HUMANOS (DUDH).....	155
→ PACTO INTERNACIONAL DOS DIREITOS CIVIS E POLÍTICOS (PIDCP).....	155
→ PACTO INTERNACIONAL SOBRE DIREITOS ECONÔMICOS, SOCIAIS E CULTURAIS (PIDESC).....	156
→ SISTEMA INTERAMERICANO DE DIREITOS HUMANOS.....	156
→ FONTES, CLASSIFICAÇÃO E PRINCÍPIOS DOS DIREITOS HUMANOS INTERNACIONAIS.....	157
→ DEVERES DOS ESTADOS E DIREITOS PROTEGIDOS (ARTS. 1º A 32 DA CIDH-OAS).....	157
→ MEIOS DE PROTEÇÃO (ARTS. 33 A 73 DA CIDH-OAS).....	158
→ CONVENÇÃO INTERNACIONAL SOBRE ELIMINAÇÃO DE TODAS AS FORMAS DE DISCRIMINAÇÃO RACIAL (DEC. Nº 65.810).....	158
→ CONVENÇÃO SOBRE ELIMINAÇÃO DE TODAS AS FORMAS DE DISCRIMINAÇÃO CONTRA A MULHER (DEC. Nº 4.377/2002).....	159
→ CONVENÇÃO CONTRA A TORTURA E TRATAMENTOS DEGRADANTES (DECRETO Nº 40/1991).....	159
→ REGRAS MÍNIMAS DA ONU PARA O TRATAMENTO DE PRISIONEIRO.....	159

→ CONVENÇÃO INTERAMERICANA PARA PREVENIR, PUNIR E ERRADICAR A VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER (DEC. 1973/06).....	160
→ CONVENÇÃO PARA A PREVENÇÃO E REPRESSÃO DO CRIME DE GENOCÍDIO (DECRETO Nº 30.822/1952).....	160
→ DISPOSIÇÕES PRELIMINARES (ARTS. 1º AO 7º DA LEI Nº 10.741/2003).....	160
→ GABARITO	161

DIREITO ADMINISTRATIVO 163

→ ORIGEM, CONCEITO E FONTES DO DIREITO ADMINISTRATIVO.....	163
→ REGIME JURÍDICO DA ADMINISTRAÇÃO E REGIME JURÍDICO ADMINISTRATIVO	163
→ PRINCÍPIOS EXPRESSOS, EXPLÍCITOS OU CONSTITUCIONAIS.....	163
→ PRINCÍPIOS IMPLÍCITOS, RECONHECIDOS E INFRACONSTITUCIONAIS.....	164
→ CONCEITO DE ATOS ADMINISTRATIVOS.....	165
→ ELEMENTOS, REQUISITOS E PRESSUPOSTOS (ATOS ADMINISTRATIVOS).....	165
→ ATRIBUTOS OU CARACTERÍSTICAS DOS ATOS ADMINISTRATIVOS.....	165
→ ATOS ADMINISTRATIVOS: ESPÉCIES, CLASSIFICAÇÃO, FASES DE CONSTITUIÇÃO	165
→ DESFAZIMENTO DO ATO ADMINISTRATIVO (ANULAÇÃO, REVOGAÇÃO, CASSAÇÃO, CADUCIDADE, CONTRAPOSIÇÃO).....	166
→ PODER VINCULADO E DISCRICIONÁRIO	167
→ PODER REGULAMENTAR.....	167
→ PODER DISCIPLINAR	168
→ PODER DE POLÍCIA	168
→ ABUSO DE PODER: EXCESSO DE PODER E DESVIO DE FINALIDADE (PODERES DA ADMINISTRAÇÃO)	169
→ ADMINISTRAÇÃO DIRETA (ÓRGÃOS PÚBLICOS)	169
→ ADMINISTRAÇÃO INDIRETA	170
→ DESCONCENTRAÇÃO E DESCENTRALIZAÇÃO.....	171
→ AGÊNCIAS REGULADORAS E EXECUTIVAS	171
→ TERCEIRO SETOR (OSS, OSCIPS, SISTEMAS E FUNDAÇÕES DE APOIO)	172
→ CONCEITOS INICIAIS E TEORIAS DA RESPONSABILIDADE.....	172
→ RESPONSABILIDADE OBJETIVA DAS EMPRESAS ESTATAIS E DAS PRESTADORAS DE SERVIÇOS PÚBLICOS.....	173
→ RESPONSABILIDADE DOS AGENTES PÚBLICOS E DIREITO DE REGRESSO	173
→ CLASSIFICAÇÃO DE SERVIÇOS PÚBLICOS	174
→ CONTROLE DA ADMINISTRAÇÃO: CONCEITOS, PRINCÍPIOS, ABRANGÊNCIA E CLASSIFICAÇÕES.....	174
→ CONTROLE ADMINISTRATIVO (DIREITO ADMINISTRATIVO).....	174
→ PARLAMENTAR INDIRETO (TRIBUNAIS DE CONTAS E CONTROLE TÉCNICO-FINANCEIRO).....	175
→ CLASSIFICAÇÃO DOS BENS PÚBLICOS	175
→ CLASSIFICAÇÃO DOS AGENTES PÚBLICOS	175
→ FUNÇÕES, CARGOS E EMPREGOS PÚBLICOS.....	175
→ CRIAÇÃO, TRANSFORMAÇÃO E EXTINÇÃO DE CARGOS PÚBLICOS	176
→ DAS DISPOSIÇÕES GERAIS (ARTS. 1º A 8º-A DA LEI Nº 8.429/1992).....	176
→ DOS ATOS DE IMPROBIDADE (ARTS. 9º A 11 DA LEI Nº 8.429/1992).....	176

→ DISPOSIÇÕES GERAIS, DIREITOS E DEVERES DO ADMINISTRADO (ARTS. 1º A 4º DA LEI Nº 9.784/1999).....	177
→ GABARITO	177

DIREITO PENAL E PROCESSUAL PENAL179

→ DIREITO PENAL – CONFLITOS DE LEIS PENAIS NO TEMPO (ARTS. 1º E 2º DO CP)	179
→ TEMPO DO CRIME (ART. 4º DO CP).....	179
→ AÇÃO E OMISSÃO (ART. 13, § 2º, DO CP)	179
→ DOLO, CULPA E PRETERDOLO (ARTS. 18 E 19 DO CP).....	179
→ ERRO DE TIPO (ART. 20 DO CP)	179
→ TIPICIDADE E RESULTADO	180
→ NEXO DE CAUSALIDADE: CONCAUSAS (ART. 13, § 1º, DO CP)	180
→ FASES DO DELITO	180
→ CRIME IMPOSSÍVEL (ART. 17 DO CP).....	180
→ DESISTÊNCIA VOLUNTÁRIA (ART. 15 DO CP).....	180
→ TENTATIVA (CRIME) (ART. 14, INCISO II E PARÁGRAFO ÚNICO, DO CP).....	180
→ CONSUMAÇÃO (ART. 14, INCISO I, DO CP)	180
→ ARREPENDIMENTO POSTERIOR (ART. 16 DO CP).....	181
→ CONSIDERAÇÕES GERAIS SOBRE A ILICITUDE E SUAS EXCLUDENTES (ART. 23 DO CP).....	181
→ ESTADO DE NECESSIDADE (ART. 24 DO CP).....	181
→ CONCEITOS GERAIS DA CULPABILIDADE.....	181
→ IMPUTABILIDADE PENAL (ARTS. 26 A 28 DO CP).....	181
→ CLASSIFICAÇÕES DOS CRIMES	181
→ PENAS PRIVATIVAS DE LIBERDADE: ESPÉCIES, REGIMES E PROGRESSÃO (ARTS. 32 A 42 E 53 DO CP).....	182
→ DAS PENAS RESTRITIVAS DE DIREITOS (ARTS. 43 A 48 E 54 A 57 DO CP).....	182
→ DA PENA DE MULTA (ARTS. 49 A 52 E 58 DO CP).....	182
→ DA APLICAÇÃO DA PENA (ARTS. 59 A 68 DO CP).....	182
→ DA AÇÃO PENAL (ARTS. 100 A 106 DO CP)	182
→ CAUSAS DE EXTINÇÃO DA PUNIBILIDADE (ARTS. 107 E 120 DO CP)	182
→ CAUSAS DE EXTINÇÃO DA PUNIBILIDADE (ARTS. 107 E 120 DO CP)	182
→ DA PRESCRIÇÃO (ARTS. 108 A 119 DO CP).....	182
→ HOMICÍDIO (ART. 121 DO CP)	183
→ DAS LESÕES CORPORAIS (ART. 129 DO CP).....	183
→ DOS CRIMES CONTRA A HONRA (ARTS. 138 A 145 DO CP)	184
→ DOS CRIMES CONTRA A LIBERDADE PESSOAL (ARTS. 146 A 149 DO CP).....	184
→ DO FURTO (ARTS. 155 E 156 DO CP).....	184
→ DO ROUBO E DA EXTORSÃO (ARTS. 157 A 160 DO CP)	184
→ DO DANO (ARTS. 163 A 167 DO CP)	185
→ DO ESTELIONATO E DAS OUTRAS FRAUDES (ARTS. 171 A 179 DO CP).....	185
→ DA RECEPÇÃO (ARTS. 180 E 180-A DO CP)	185
→ DOS CRIMES CONTRA A LIBERDADE SEXUAL (ARTS. 213 A 216 DO CP)	185

→ DOS CRIMES SEXUAIS CONTRA VULNERÁVEL (ARTS. 217-A A 226 DO CP)	185
→ DOS CRIMES DE PERIGO COMUM (ARTS. 250 A 259 DO CP).....	186
→ FALSIDADE IDEOLÓGICA (ART. 299 DO CP).....	186
→ FUNCIONÁRIO PÚBLICO PARA FINS PENAIIS (ART. 327 DO CP).....	186
→ PECULATO (ART. 312 DO CP).....	186
→ PREVARICAÇÃO (ARTS. 319 E 319-A DO CP).....	186
→ CONDESCENDÊNCIA CRIMINOSA (ART. 320 DO CP).....	186
→ DOS CRIMES PRATICADOS POR PARTICULAR CONTRA A ADMINISTRAÇÃO EM GERAL (ART. 328 A 337-A DO CP)	187
→ DIREITO PROCESSUAL PENAL - PROCESSO PENAL, SEUS SISTEMAS E PRINCÍPIOS	187
→ INQUÉRITO POLICIAL (ARTS. 4º A 23 DO CPP)	187
→ DA AÇÃO PENAL (ARTS. 24 A 62 DO CPP)	187
→ DA AÇÃO CIVIL EX DELICTO (ARTS. 63 A 68 DO CPP)	188
→ JURISDIÇÃO E COMPETÊNCIA - CONCEITOS GERAIS	188
→ TEORIA GERAL DA PROVA PENAL (ARTS. 155 A 157 DO CPP)	188
→ DO EXAME DE CORPO DE DELITO, DA CADEIA DE CUSTÓDIA E DAS PERÍCIAS EM GERAL (ARTS. 158 A 184 DO CPP)	189
→ DO INTERROGATÓRIO DO ACUSADO (ARTS. 185 A 196 DO CPP).....	189
→ DA CONFISSÃO (ARTS. 197 A 200 DO CPP)	189
→ DO OFENDIDO (ART. 201 DO CPP)	189
→ DAS TESTEMUNHAS (ARTS. 202 A 225 DO CPP).....	189
→ DO JUIZ (ARTS. 251 A 256 DO CPP).....	190
→ DO MINISTÉRIO PÚBLICO (ARTS. 257 A 258 DO CPP).....	190
→ DO ACUSADO E SEU DEFENSOR (ARTS. 259 A 267 DO CPP).....	190
→ DOS AUXILIARES DA JUSTIÇA (ARTS. 274 A 281 DO CPP).....	190
→ DISPOSIÇÕES GERAIS E PRISÃO ESPECIAL (ARTS. 282 A 300 DO CPP).....	190
→ DA PRISÃO PREVENTIVA (ARTS. 311 A 316 DO CPP)	191
→ DA PRISÃO DOMICILIAR (ARTS. 317 E 318 DO CPP).....	191
→ DA LIBERDADE PROVISÓRIA, COM OU SEM FIANÇA (ARTS. 321 A 350 DO CPP).....	191
→ FASE POSTULATÓRIA (ARTS. 395 A 397 DO CPP).....	191
→ FASE DECISÓRIA E SENTENÇA PENAL (ARTS. 381 A 392 DO CPP)	191
→ DA APELAÇÃO (ARTS. 593 A 603 DO CPP)	192
→ HABEAS CORPUS (ARTS. 647 A 667 DO CPP).....	192
→ LEI Nº 8.069/1990 - (DOS CRIMES - ECA, ARTS. 225 AO 244-B)	192
→ LEI Nº 8.072/1990 - CRIMES HEDIONDOS.....	193
→ DISPOSIÇÕES GERAIS (ARTS. 60 A 62 DA LEI Nº 9.099/1995).....	193
→ LEI Nº 9.503/1997 - CRIMES NO CÓDIGO DE TRÂNSITO BRASILEIRO (ARTS. 291 A 312-B).....	193
→ LEI Nº 10.741/2003 - ESTATUTO DO IDOSO (CRIMES).....	193
→ DA VIOLÊNCIA DOMÉSTICA E FAMILIAR CONTRA A MULHER (ARTS. 5º A 7º DA LEI Nº 11.340/2006).....	194
→ DA ASSISTÊNCIA À MULHER EM SITUAÇÃO DE VIOLÊNCIA DOMÉSTICA E FAMILIAR (ARTS. 8º A 12 DA LEI Nº 11.340/2006)	194
→ LEI Nº 13.869/2019 - LEI DE ABUSO DE AUTORIDADE (ANTIGA LEI Nº 4.898/1965).....	194
→ GABARITO	195

DIREITO CIVIL E PROCESSUAL CIVIL197

→ DA PERSONALIDADE E DA CAPACIDADE (ARTS. 1º A 10).....	197
→ DOS DIREITOS DA PERSONALIDADE (ARTS. 11 A 21).....	197
→ DISPOSIÇÕES GERAIS - PESSOAS JURÍDICAS (ARTS. 40 A 52).....	197
→ DAS FUNDAÇÕES (ARTS. 62 A 69).....	198
→ DESCONSIDERAÇÃO DA PERSONALIDADE JURÍDICA.....	198
→ DOMICÍLIO DAS PESSOAS NATURAIS E JURÍDICAS (ARTS. 70 A 78)	198
→ CLASSIFICAÇÃO DOS BENS (ART. 79 A 97)	198
→ BENS PÚBLICOS (ARTS. 98 A 103).....	199
→ FATOS JURÍDICOS: CONCEITO, CLASSIFICAÇÃO E PRINCÍPIOS GERAIS	199
→ NEGÓCIO JURÍDICO. CLASSIFICAÇÕES. DISPOSIÇÕES GERAIS (ARTS. 104 A 114)	199
→ DA CONDIÇÃO, TERMO E ENCARGO (ARTS. 121 A 137) - ELEMENTOS ACIDENTAIS	199
→ DEFEITOS OU VÍCIOS DO NEGÓCIO JURÍDICO (ARTS. 138 A 165).....	199
→ INVALIDADE DO NEGÓCIO JURÍDICO (ARTS. 166 A 184).....	200
→ PRESCRIÇÃO E DECADÊNCIA (ARTS. 189 A 211).....	200
→ PRINCÍPIOS CONTRATUAIS NO CÓDIGO CIVIL.....	200
→ PRINCÍPIOS GERAIS DO DIREITO DAS COISAS	200
→ DA POSSE E SUA CLASSIFICAÇÃO (ARTS. 1.196 A 1.203)	200
→ DOS EFEITOS DA POSSE (ARTS. 1.210 A 1.222).....	200
→ DISPOSIÇÕES GERAIS DOS DIREITOS REAIS (ARTS. 1.225 A 1.227).....	201
→ DIREITO PROCESSUAL CIVIL - APLICAÇÃO DAS NORMAS PROCESSUAIS (ARTS. 13 A 15).....	201
→ PRINCÍPIOS PROCESSUAIS CIVIS (ARTS. 1º A 12 E CF/1988).....	201
→ DA AÇÃO (ARTS. 17 A 20).....	201
→ DA COMPETÊNCIA INTERNA (ARTS. 42 A 69).....	202
→ DA CAPACIDADE PROCESSUAL (ARTS. 70 A 76).....	202
→ DOS DEVERES DAS PARTES E DE SEUS PROCURADORES (ARTS. 77 A 102).....	202
→ DO LITISCONSÓRCIO (ARTS. 113 A 118).....	202
→ DOS PODERES, DOS DEVERES E DA RESPONSABILIDADE DO JUIZ (ARTS. 139 A 143).....	202
→ DOS IMPEDIMENTOS E DA SUSPEIÇÃO (ARTS. 144 A 148)	203
→ DOS AUXILIARES DA JUSTIÇA (ART. 149 A 175)	203
→ DA ADVOCACIA PÚBLICA (ARTS. 182 A 184).....	204
→ DA DEFENSORIA PÚBLICA (ARTS. 185 A 187)	204
→ DA FORMA DOS ATOS PROCESSUAIS (ARTS. 188 A 211).....	204
→ DOS PRAZOS (ARTS. 218 A 235).....	204
→ DA CITAÇÃO (ARTS. 238 A 259).....	205
→ DAS CARTAS (ARTS. 260 A 268).....	205
→ DAS NULIDADES (ARTS. 276 A 283)	205
→ DA TUTELA PROVISÓRIA (ARTS. 294 A 311).....	206
→ DA PETIÇÃO INICIAL (ARTS. 319 A 331).....	206
→ DA AUDIÊNCIA DE CONCILIAÇÃO OU DE MEDIAÇÃO (ART. 334).....	206
→ DA CONTESTAÇÃO (ARTS. 335 A 342).....	207

→ DA RECONVENÇÃO (ART. 343)	207
→ DA REVELIA (ARTS. 344 A 346)	207
→ DISPOSIÇÕES GERAIS (ARTS. 369 A 380).....	207
→ DA PRODUÇÃO ANTECIPADA DA PROVA (ARTS. 381 A 383).....	208
→ DA CONFISSÃO (ARTS. 389 A 395)	208
→ DA PROVA DOCUMENTAL (ARTS. 405 A 438)	208
→ DA PROVA TESTEMUNHAL (ARTS. 442 A 463)	208
→ DA PROVA PERICIAL (ARTS. 464 A 480).....	209
→ DA SENTENÇA E DA COISA JULGADA (ARTS. 485 A 508).....	209
→ DA LIQUIDAÇÃO DE SENTENÇA (ARTS. 509 A 512)	209
→ DO CUMPRIMENTO DA SENTENÇA (ARTS. 513 A 538)	209
→ DA AÇÃO DE CONSIGNAÇÃO EM PAGAMENTO (ARTS. 539 A 549).....	210
→ DAS AÇÕES POSSESSÓRIAS (ARTS. 554 A 568).....	210
→ DA EXECUÇÃO EM GERAL (ARTS. 771 A 796).....	211
→ DISPOSIÇÕES GERAIS - RECURSOS (ARTS. 994 A 1.008)	211
→ DA APELAÇÃO (ARTS. 1.009 A 1.014).....	211
→ DO AGRAVO DE INSTRUMENTO (ARTS. 1.015 A 1.020)	211
→ DO AGRAVO INTERNO (ART. 1.021)	211
→ DOS EMBARGOS DE DECLARAÇÃO (ARTS. 1.022 A 1.026)	212
→ GABARITO	212

LEI DE LICITAÇÕES.....213

→ DO ÂMBITO DE APLICAÇÃO, DEFINIÇÕES E AGENTES PÚBLICOS (ARTS. 1º A 4º, 6º A 10 DA LEI Nº 14.133/21).....	213
→ PRINCÍPIOS (ART. 5º DA LEI Nº 14.133/2021).....	215
→ OBJETIVOS, FASES E FORMALIDADES (ARTS. 11 A 17 DA LEI Nº 14.133/2021).....	216
→ INSTRUÇÃO DO PROCESSO LICITATÓRIO (ARTS. 18 A 27 DA LEI Nº 14.133/2021)	216
→ MODALIDADES DE LICITAÇÃO (ARTS. 28 A 32 DA LEI Nº 14.133/2021).....	217
→ CRITÉRIOS DE JULGAMENTO (ARTS. 33 A 39 DA LEI Nº 14.133/2021).....	219
→ DISPOSIÇÕES SETORIAIS, COMPRAS, SERVIÇOS (ARTS. 40 A 52 DA LEI Nº 14.133/2021)	219
→ FASES DA LICITAÇÃO - JULGAMENTO, HABILITAÇÃO E ENCERRAMENTO (ARTS. 55 A 71 DA LEI Nº 14.133/2021)	219
→ CONTRATAÇÃO DIRETA, INEXIGIBILIDADE E DISPENSA (ARTS. 72 A 75 DA LEI Nº 14.133/2021).....	220
→ FORMALIZAÇÃO DOS CONTRATOS (ARTS. 89 A 95 DA LEI Nº 14.133/2021)	223
→ GARANTIAS (ARTS. 96 A 102 DA LEI Nº 14.133/2021).....	223
→ DURAÇÃO DOS CONTRATOS (ARTS. 105 A 114 DA LEI Nº 14.133/2021).....	224
→ EXECUÇÃO DOS CONTRATOS (ARTS. 115 A ART. 123 DA LEI Nº 14.133/2021)	224
→ GABARITO	224

ADMINISTRAÇÃO GERAL E AFO 227

→ ADMINISTRAÇÃO GERAL E PÚBLICA - ORGANIZAÇÃO (INTRODUÇÃO À ADMINISTRAÇÃO).....	227
---	-----

→ ADMINISTRAÇÃO.....	227
→ ADMINISTRADOR.....	227
→ PROCESSO ORGANIZACIONAL E FUNÇÕES ADMINISTRATIVAS	227
→ INTRODUÇÃO AO PROCESSO DE PLANEJAMENTO (DIRETRIZES, PRINCÍPIOS, CARACTERÍSTICAS, ETAPAS, NÍVEIS).....	227
→ PLANEJAMENTO ESTRATÉGICO	228
→ DESENHO ORGANIZACIONAL (CONCEITOS, TIPOS, CENTRALIZAÇÃO E DESCENTRALIZAÇÃO).....	228
→ LIDERANÇA	228
→ GESTÃO DE CONFLITOS.....	229
→ PROCESSO DE CONTROLE E AVALIAÇÃO.....	229
→ CLIMA ORGANIZACIONAL	230
→ CULTURA ORGANIZACIONAL.....	230
→ MOTIVAÇÃO.....	230
→ CONCEITO, PRINCÍPIOS, FUNDAMENTOS E EVOLUÇÃO DA QUALIDADE.....	231
→ DESEMPENHO	231
→ AFO, DIREITO FINANCEIRO E CONTABILIDADE PÚBLICA - TÉCNICAS/ESPÉCIES ORÇAMENTÁRIAS (ORÇAMENTO PROGRAMA, TRADICIONAL, PARTICIPATIVO, BASE ZERO, ETC).....	232
→ PRINCÍPIOS ORÇAMENTÁRIOS	232
→ PPA - PLANO PLURIANUAL (CF/1988 E LEI Nº 4.320/1964).....	232
→ LDO - LEI DE DIRETRIZES ORÇAMENTÁRIAS (CF/1988 E LEI Nº 4.320/1964).....	233
→ LOA - LEI ORÇAMENTÁRIA ANUAL (CF/1988 E LEI Nº 4.320/1964).....	233
→ CONCEITOS GERAIS (ORÇAMENTÁRIA E EXTRAORÇAMENTÁRIA, AFETAÇÃO PATRIMONIAL, REGULARIDADE, COERCITIVIDADE)	234
→ CLASSIFICAÇÃO POR NATUREZA DA RECEITA	234
→ CONCEITOS GERAIS SOBRE DESPESA PÚBLICA.....	234
→ CLASSIFICAÇÃO DA DESPESA ORÇAMENTÁRIA.....	234
→ DÍVIDA FUNDADA E DÍVIDA FLUTUANTE - CONCEITOS GERAIS.....	234
→ RESTOS A PAGAR (RAP).....	235
→ DESPESAS DE EXERCÍCIOS ANTERIORES (DEA)	235
→ GABARITO	235

REDAÇÃO OFICIAL..... 237

→ DEFINIÇÃO E ATRIBUTOS DA REDAÇÃO OFICIAL.....	237
→ CONCEITOS, USO E CONCORDÂNCIA (PRONOMES DE TRATAMENTO).....	237
→ VOCATIVOS	238
→ ORTOGRAFIA E GRAMÁTICA (REDAÇÃO OFICIAL).....	238
→ GABARITO	238

LÍNGUA PORTUGUESA

→ CASOS GERAIS E EMPREGO DAS LETRAS

1. (FCC — 2022) Atenção: Leia o texto a seguir para responder à questão.

Renato Mendonça e A influência africana no português do Brasil, um estudo pioneiro de africanias no português brasileiro

A partir de uma definição da antropóloga Nina Friedemann em “Comunidades negras: refúgios de africanias na Colômbia”, podemos entender africanias como a bagagem cultural submergida no inconsciente iconográfico dos negroafricanos entrados no Brasil em escravidão, que se faz perceptível na língua, na música, na dança, na religião no modo de ser e de ver o mundo, e que, no decorrer dos séculos, como forma de resistência e de continuidade na opressão, transformou-se e converteu-se em matrizes partícipes da construção de um novo sistema cultural e linguístico que nos identifica como brasileiros.

São essas matrizes que, na década de 1930, o diplomata, escritor e pesquisador alagoano Renato Firmino Maia de Mendonça (1912 – 1990), em sua monografia sobre A influência africana no português do Brasil, trata de pontuar na formação da modalidade da língua portuguesa no Brasil, em nossas tradições orais e na literatura brasileira

Em 1933, a 1ª edição foi publicada pela Gráfica Sauer com prefácio de Rodolfo Garcia, trazendo o mapa da distribuição do elemento negro no Brasil colonial e imperial. Em 1935, sai a 2ª edição pela Companhia Editora Nacional, na Coleção Brasileira, ilustrada com mapas e fotografias e aumentada em dois capítulos, um esboço histórico sobre o tráfico e um ensaio sobre o negro na literatura brasileira. Também de caráter inovador são os mapas toponímicos com localidades designadas por nomes africanos no Brasil, da autoria do geógrafo Carlos Marie Cantão, que vêm em addendum, ao final do livro. A 3ª edição, de 1948, é publicada no Porto pela Figueirinhas. Em 1972 e 1973, a 2ª edição é republicada pela Civilização Brasileira.

Ao lado de Jacques Raimundo, que coincidentemente publicou, pela Renascença, em 1933, O elemento afro-negro na língua portuguesa, a obra de Renato Mendonça é um estudo de referência obrigatória nessa importante área de pesquisa, cuja repercussão científica corresponde a menos do que seu valor real, em razão da tendência de esse conhecimento ser considerado, por linguistas e filólogos, mais como objeto de pesquisa dos africanistas e dos especialistas em estudos “afro-brasileiros” – assim denominados como uma palavra composta de acordo com a grafia consagrada e recomendada pelo recente acordo ortográfico. Neste contexto, separado por um traço de união em lugar simplesmente de se escrever afrobrasileiros, o termo afro, tratado como um prefixo, reflete de maneira subliminar aquela tendência. Destaca-se como se fosse um aparte eventual no processo e não a parte afrobrasileira inscrita em nossa identidade cultural e linguística.

Dentro desse plano de entendimento, Renato Mendonça coloca e avalia a interferência que aquelas vozes de mais de quatro milhões de negros escravizados, no decorrer de três séculos consecutivos, imprimiram naquela língua portuguesa que eles foram obrigados a falar como segunda língua no Brasil. Ao mesmo tempo, Mendonça enriquece e alarga suas análises baseado em uma bibliografia ainda hoje consistente

e de grande valia para os estudos atuais sobre a história e a etnografia africanas e suas línguas, principalmente sobre as que foram faladas no Brasil, as quais ele adequadamente chama de negroafricanas.

(Adaptado de: CASTRO, Yeda Pessoa de Prefácio – Renato Mendonça e A influência africana no português do Brasil, um estudo pioneiro de africanias no português brasileiro. In: Mendonça, Renato. A influência africana no Português do Brasil. Brasília: Fundação Alexandre de Gusmão, 2012, p. 15-16

Observações:

1. Addendum: adendo, apêndice.

Considerando a ortografia padrão é correto afirmar:

- Negroafricanas, diferentemente de afro-brasileiros, deve ser escrito sem hífen, tal como aparece no texto.
- O modo de escrita dos itens aparte e a parte evidencia, tal como demonstrado no texto, que não há conexões semânticas entre eles.
- A grafia da preposição e do pronome em de esse sublinha a função sintática do fragmento que introduzem, tal como em “João alertou para o perigo de o Paulo ser demitido”.
- Iconográfico, resistência e partícipe têm sua acentuação determinada pela mesma regra.
- Ciente de sua função exclusiva na ortografia, a de unir as partes de certas palavras compostas ou derivadas por prefixação, a autora eliminou o traço-de-união, ou hífen, de todo o seu texto.

→ ACENTUAÇÃO

2. (FCC — 2024) A mesma regra justifica a presença de acento em todas as palavras em:

- fanático, solitário, científico, cômico.
- irlandês, polinésio, congolês, indonésio.
- terapêutico, mímica, antepenúltimo, lírico.
- cerimônia, descartável, espécie, música.
- imundície, horário, melancólico, longínquo.

→ FORMAÇÃO E ESTRUTURA DAS PALAVRAS

3. (FCC — 2023) Leia o texto abaixo para responder questão.

Luís Bernardo Honwana, que faz hoje, neste sábado, 12 de Novembro, 80 anos, é um dos precursores da literatura moçambicana e um dos maiores intérpretes da moçambicanidade. Quando tinha 22 anos, em 1964, fez publicar uma obra seminal e fundadora da moderna ficção moçambicana – “Nós Matámos o Cão Tinhoso”. O

início desta obra é um dos mais belos que se podem cotejar entre nós: “O Cão-Tinhoso tinha uns olhos azuis que não tinham brilho nenhum, mas eram enormes e estavam sempre cheios de lágrimas, que lhe escorriam pelo focinho. Metiam

medo aqueles olhos, assim tão grandes, a olhar como uma pessoa a pedir qualquer coisa sem querer dizer”.

O jovem autor de “Nós Matámos o Cão Tinhoso”, redigira uma nota biográfica igualmente singular: “Não sei se sou realmente escritor. Acho que apenas escrevo sobre coisas que, acontecendo à minha volta, se relacionem intimamente comigo ou traduzam fatos que me pareçam decentes. Este livro de histórias é o testemunho em que tento retratar uma série de situações e procedimentos que talvez interesse conhecer”.

A realidade que estas histórias narram ultrapassa, em muito, a circunstância da mera biografia. Estes textos denunciavam, de forma resoluta e corajosa, uma realidade social profundamente injusta e desigual. Textos breves, quase todos, à excepção daquele que nomeia o volume. Provavelmente, a grande literatura seja isso mesmo: a combinação entre as faculdades da arte em si e o poder de esta nos interpelar com a realidade que ilustra ou denuncia.

(Disponível em: <https://opais.co.mz>. Adaptado)

Um sufixo é um afixo que se acrescenta ao final de uma palavra para formar novas palavras. O substantivo formado por sufixação a partir de um outro substantivo está sublinhado em:

- Acho que apenas escrevo sobre coisas que, acontecendo à minha volta, se relacionem intimamente comigo.
- Este livro é uma surpreendente obra literária e é um libelo acusatório virulento.
- O jovem autor de Nós Matamos o Cão Tinhoso redigira uma nota biográfica igualmente singular.
- Quando tinha 22 anos, e, 1954, fez publicar uma obra seminal e fundadora da moderna ficção moçambicana.
- Honwana é um dos percussores da literatura moçambicana e um dos maiores intérpretes da moçambicanidade.

4. (FCC – 2022)

Antigamente, se morria.

1907, digamos, aquilo sim
é que era morrer.

Morria gente todo dia,
e morria com muito prazer,
já que todo mundo sabia
que o Juízo, afinal, viria,

e todo mundo ia renascer.^(a)

Morria-se praticamente de tudo.

De doença, de parto, de tosse.

E ainda se morria de amor,

como se o amar morte fosse.^(c)

Pra morrer, bastava um susto,^(b)

um lenço no vento, um suspiro e pronto,

lá se ia nosso defunto

para a terra dos pés juntos.

Dia de anos, casamento, batizado,

morrer era um tipo de festa,

uma das coisas da vida,

como ser ou não ser convidado.

O escândalo era de praxe.

Mas os danos eram pequenos.

Descansou. Partiu. Deus o tenha.

Sempre alguém tinha uma frase

que deixava aquilo mais ou menos.

Tinha coisas que matavam na certa.

Pepino com leite, vento encanado,

praga de velha e amor mal curado.

Tinha coisas que tem que morrer,

tinha coisas que tem que matar.

A honra, a terra e o sangue
mandou muita gente praquele lugar.

Que mais podia um velho fazer,
nos idos de 1916,

a não ser pegar pneumonia,

deixar tudo para os filhos(d)

e virar fotografia?

Ninguém vivia pra sempre.

Afinal, a vida é um upa.

Não deu pra ir mais além.

Mas ninguém tem culpa.

Quem mandou não ser devoto

de Santo Inácio de Acapulco,

Menino Jesus de Praga?

O diabo anda solto.

Aqui se faz, aqui se paga.

Almoçou e fez a barba,

tomou banho e foi no vento.

Não tem o que reclamar.^(e)

Agora, vamos ao testamento.

Hoje, a morte está difícil.

Tem recursos, tem asilos, tem remédios.

Agora, a morte tem limites.

E, em caso de necessidade,

a ciência da eternidade

inventou a criônica.

Hoje, sim, pessoal, a vida é crônica.

(LEMINSKI, Paulo. Toda poesia, 2013)

Um vocábulo pode ser formado quando passa de uma classe gramatical a outra, sem a modificação de sua forma. É o que se denomina derivação imprópria. Constitui exemplo de derivação imprópria o termo sublinhado em:

- “e todo mundo ia **renascer**.”
- “Pra **morrer**, bastava um susto,”
- “como se o **amar** morte fosse.”
- “**deixar** tudo para os filhos”
- “Não tem o que **reclamar**.”

5. (FCC – 2022) Atenção: Para responder à questão, baseie-se no texto abaixo.

O rio de minha terra é um deus estranho.

Ele tem braços, dentes, corpo, coração,

muitas vezes homicida,

foi ele quem levou o meu irmão.

É muito calmo o rio de minha terra.

Suas águas são feitas de argila e de mistérios.

Nas solidões das noites

enluaradas

a maldição de Crispim desce

sobre as águas

encrespadas.

O rio de minha terra é um deus estranho.

Um dia ele deixou o monótono caminhar de corpo mole

para subir as poucas rampas do seu cais.

Foi conhecendo o movimento da cidade,

a pobreza residente nas taperas marginais.

Pois tão irado e tão potente fez-se o rio

que todo um povo se juntou para enfrentá-lo.

Mas ele prosseguiu indiferente,

carregando no seu dorso bois e gente,
até roçados de arroz e de feijão.
Na sua obstinada e galopante caminhada,
destruiu paredes, casas, barricadas,
deixando no percurso mágoa e dor.
Depois subiu os degraus da igreja santa
e postou-se horas sob os pés do Criador.
E desceu devagarinho, até deitar-se
novamente no seu leito.
Mas toda noite o seu olhar de rio
fica boiando sob as luzes da cidade.

(Adaptado de: MORAES, Herculano. O rio da minha terra. Disponível em: <https://www.escritas.org>)

Considerado no contexto do poema, o prefixo “en-”, constituinte de “enluaradas” e “encrespadas”, apresenta, respectivamente, efeito semântico semelhante nas palavras:

- enterradas e enraizadas.
- ensacadas e engarrafadas.
- enfeitçadas e enroladas.
- enlatadas e ensimesmadas.
- encaixadas e enchidas.

→ ADJETIVO

6. (FCC — 2022) Atenção: Considere o texto abaixo para responder à questão.

1. Neide Gondim faz parte da primeira geração de pensadores da Universidade Federal do Amazonas empenhados em pensar a Amazônia em um movimento inverso do que, costumeiramente, é feito, ou seja, de dentro para fora. Sua obra reflete sobre o que pensavam os europeus que chegaram até a Amazônia pela primeira vez no século 16. Esses conquistadores ganharam a vez de contar a história e o fizeram do ponto de vista de onde partiram.

2. Em livros como “A invenção da Amazônia”, Neide Gondim reconstrói brilhantemente os caminhos desse pensamento, que veio a fundar uma tradição estética sobre a Amazônia, em que predomina o paradoxal, o hiperbólico, o contraditório, o infernal e o paradisíaco. A autora redesenha o pensamento europeu dos homens que se atiraram ao mar em busca de comprovar as teorias especulativas sobre o mundo medieval. Ela identifica em sua bagagem duas lupas iluminadas pelo imaginário fantástico: as escrituras bíblicas e o Oriente conhecido por meio de livros e relatos de viagens.

3. É por meio dessa literatura, que serve até hoje de documento histórico, que Neide Gondim vai trançando as imagens que se projetaram sobre o país das Amazonas nas Américas e, desse modo, descortina as representações europeias sobre a região que hoje conhecemos como Amazônia.

4. A autora identifica uma obsessão do europeu medieval: encontrar o paraíso sobre a terra, longe da fome e da peste que assolavam a Europa medieval.

5. Quando se aventuraram mais adentro das Américas, os europeus pensaram ser o grande rio um mar de águas doces. Nele buscaram encontrar a exuberância fantástica da Índia e as guerreiras Amazonas, cuja imagem carregavam consigo devido à forte influência da Grécia Antiga.

6. O primeiro relato data de 1542, do cronista Gaspar de Carvajal, que acompanhava Francisco de Orellana na primeira descida pelo rio, vindo do Peru em direção ao Atlântico. Neide Gondim identifica os mesmos recursos utilizados por Marco Polo ao falar sobre o Oriente nas descrições de Carvajal. Carvajal afirma ter guerreado com as Amazonas; dá a localização do Rio de Ouro que levaria até Manoa, a capital de ouro das Amazonas; ao mesmo tempo, descreve o curso dos rios com precisão de navegador.

7. Muitas teorias floresceram durante os séculos seguintes na tentativa de explicar toda a novidade encontrada nas Américas. Darwin colocou as gentes da Amazônia na primeira idade evolutiva da humanidade; a Amazônia seria como um grande museu natural. O determinismo de Buffon afirmava que essas gentes não conseguiram evoluir em consequência do clima quente. Montaigne via na ausência do rei a evolução paradisíaca para onde o europeu deveria seguir. Locke via na ausência do Estado a causa da degeneração daquelas gentes.

8. Tais ideias se difundiram por meio da ciência, da filosofia, das letras. Seus traços fantásticos são revestidos de verdade científica a partir do argumento de autoridade. Essas ideias estigmatizaram as gentes da Amazônia como primitivos, indolentes, infantis e bestializados. Estigmatizaram também a floresta como uma entidade fantástica distante e desconhecida no imaginário mundial.

9. Para Neide Gondim, a representação hiperbólica da Amazônia é uma tentação de que quase ninguém escapa. Para a autora, essa representação edênica começou no imaginário medieval sobre o incompreensível Oriente e a desconhecida América. Toda essa trança imaginária é apresentada com muita leveza e habilidade na obra de Neide Gondim.

(Adaptado de: DASSUEM, Nogueira. Disponível em: www.amazonamazonia.com.br)

O adjetivo que, no contexto, está empregado como substantivo encontra-se no trecho:

- Nele buscaram encontrar a exuberância fantástica da Índia. (5º parágrafo)
- a representação hiperbólica da Amazônia. (9º parágrafo)
- pensaram ser o grande rio um mar de águas doces. (5º parágrafo)
- Ela identifica em sua bagagem duas lupas iluminadas pelo imaginário fantástico. (2º parágrafo)
- em que predomina o paradoxal. (2º parágrafo)

7. (FCC — 2022) Leia a crônica O lendário país do recall, de Moacyr Scliar.

Leitora manda boneca para recall e não a recebe de volta. Como explicar para uma criança que seus brinquedos foram embora há três meses e não voltaram? (Cotidiano, 25/02/2008)

“Minha querida dona: quem lhe escreve sou eu, a sua fiel e querida boneca, que você não vê há três meses. Sei que você sente muitas saudades, porque eu também sinto saudades de você. Lembro de você me pegando no colo, me chamando de filhinha, me dando papinha... Você era, e é, minha mãezinha querida, e é por isso que estou lhe mandando esta carta, por meio do cara que assina esta coluna e que, sendo escritor, acredita nas coisas da imaginação.

Posso lhe dizer, querida, que vivi uma tremenda aventura, uma aventura que em vários momentos me deixou apavorada. Porque tive de viajar para o distante país do recall. Aposto que você nem sabia da existência desse lugar; eu, pelo menos, não sabia. Para lá fui enviada. Não só eu: bonecas defeituosas, ursinhos idem eletrodomésticos que não funcionavam e peças de automóvel quebradas. Nós todos ali, na traseira de um gigantesco caminhão que andava, andava sem parar. Finalmente chegamos, e ali estávamos, no misterioso e, para mim, assustador país do recall. Um homem nos recebeu e anunciou, muito secamente, que o nosso destino em breve seria traçado: as bonecas que tivessem concerto seriam concertadas e mandadas de volta para os donos; quanto tempo isso levaria era imprevisível, mas três meses era o mínimo. Uma boneca que estava do meu lado, a Liloca, perguntou, com os olhos arregalados, o que aconteceria a quem não tivesse concerto. O homem não disse nada, mas seu sorriso sinistro falava por si.

Passamos a noite num enorme pavilhão destinado especialmente às bonecas. Éramos centenas ali, algumas com problemas pequenos (um braço fora do lugar, por exemplo), outras já num estado lamentável. Estava muito claro que para várias de nós não haveria volta.

Naquela noite conversei muito com minha amiga Liloca – sim, querida dona, àquela altura já éramos amigas. O infortúnio tinha nos unido. Outras bonecas juntaram-se a nós e logo formamos um grande grupo. Estávamos preocupadas com o que poderia nos suceder. De repente a Liloca gritou: ‘Mas gente, nós não somos obrigados a aceitar isso! Vamos fazer alguma coisa!’. Nós a olhamos, espantadas: fazer alguma coisa? Mas fazer o quê? Liloca tinha uma resposta: vamos tomar o poder. Vamos nos apossar do país do recall.

No começo aquilo nos pareceu absurdo. Mas Liloca sabia do que estava falando. A mãe da dona dela tinha sido uma militante revolucionária e sempre falava nisso, na necessidade de mudar o mundo, de dar o poder aos mais fracos. Ora, dizia Liloca, ninguém mais fraco do que nós, pobres, desamparados e defeituosos brinquedos. Não deveríamos aguardar resignadamente que decidissem o que fazer com a gente.

De modo, querida dona, que estamos aqui preparando a revolução. Breve estaremos governando o país do recall. Mas não se preocupe, eu a convidarei para me visitar. Você poderá vir a qualquer hora. E não precisará de recall para isso.”

(Adaptado de: Moacyr Scliar. Histórias que os jornais não contam. Porto Alegre: L&PM, 2018)

O termo que qualifica o substantivo na expressão grande grupo (5º parágrafo) tem sentido oposto àquele que qualifica o substantivo em

- a) sorriso sinistro (3º parágrafo).
- b) tremenda aventura (3º parágrafo).
- c) gigantesco caminhão (3º parágrafo).
- d) estado lamentável (4º parágrafo).
- e) probleminhas pequenos (4º parágrafo).

8. (FCC – 2021)

A beleza total

A beleza de Gertrudes fascinava todo mundo e a própria Gertrudes. Os espelhos pasmavam diante de seu rosto, recusando-se a refletir as pessoas da casa e muito menos as visitas. Não ousavam abrange o corpo inteiro de Gertrudes. Era impossível, de tão belo, e o espelho do banheiro, que se atreveu a isto, partiu-se em mil estilhaços.

A moça já não podia sair à rua, pois os veículos paravam à revelia dos condutores, e estes, por sua vez, perdiam toda a capacidade de ação. Houve um engarrafamento monstro, que durou uma semana, embora Gertrudes houvesse voltado logo para casa.

O Senado aprovou lei de emergência, proibindo Gertrudes de chegar à janela. A moça vivia confinada num salão em que só penetrava sua mãe, pois o mordomo se suicidara com uma foto de Gertrudes sobre o peito.

Gertrudes não podia fazer nada. Nascera assim, este era o seu destino fatal: a extrema beleza. E era feliz, sabendo-se incomparável. Por falta de ar puro, acabou sem condições de vida, e um dia cerrou os olhos para sempre. Sua beleza saiu do corpo e ficou pairando, imortal. O corpo já então enfezado de Gertrudes foi recolhido ao jazigo, e a beleza de Gertrudes continuou cintilando no salão fechado a sete chaves.

(ANDRADE, Carlos Drummond de. Contos plausíveis. São Paulo: Companhia das Letras, 2012)

O termo que qualifica o substantivo, conferindo a ele ideia de inexorabilidade, compõe a seguinte expressão:

- a) beleza total (título).
- b) capacidade de ação (2º parágrafo).
- c) lei de emergência (3º parágrafo).
- d) destino fatal (4º parágrafo).
- e) extrema beleza (4º parágrafo).

→ CONJUGAÇÃO. RECONHECIMENTO E EMPREGO DOS MODOS E TEMPOS VERBAIS

9. (FCC – 2022) Leia a crônica “Cobrança”, de Moacyr Scliar, para responder a questão.

“Cobrador usa intimidação como estratégia. Empresas de cobrança usam técnicas abusivas, como tornar pública a dívida.” (Cotidiano, 10.09.2001)

Ela abriu a janela e ali estava ele, diante da casa, caminhando de um lado para outro. Carregava um cartaz, cujos dizeres atraíam a atenção dos passantes: “Aqui mora uma devedora inadimplente.”

– Você não pode fazer isso comigo – protestou ela.

– Claro que posso – replicou ele. – Você comprou, não pagou. Você é uma devedora inadimplente. E eu sou cobrador. Por diversas vezes tentei lhe cobrar, você não pagou.

– Não paguei porque não tenho dinheiro. Esta crise...

– Já sei – ironizou ele. – Você vai me dizer que por causa daquele ataque lá em Nova York seus negócios ficaram prejudicados. Problema seu, ouviu? Problema seu. Meu problema é lhe cobrar. E é o que estou fazendo.

– Mas você podia fazer isso de uma forma mais discreta...

– Negativo. Já usei todas as formas discretas que podia. Falei com você, expliquei, avisei. Nada. Você fazia de conta que nada tinha a ver com o assunto. Minha paciência foi se esgotando, até que não me restou outro recurso: vou ficar aqui, carregando este cartaz, até você saldar sua dívida.

Neste momento começou a chuveirar.

– Você vai se molhar – advertiu ela. – Vai acabar ficando doente. Ele riu, amargo:

– E daí? Se você está preocupada com minha saúde, pague o que deve.

– Posso lhe dar um guarda-chuva...

– Não quero. Tenho de carregar o cartaz, não um guarda-chuva. Ela agora estava irritada:

– Acabe com isso, Aristides, e venha para dentro. Afinal, você é meu marido, você mora aqui.

– Sou seu marido – retrucou ele – e você é minha mulher, mas eu sou cobrador profissional e você, devedora. Eu a avisei: não compre essa geladeira, eu não ganho o suficiente para pagar as prestações. Mas não, você não me ouviu. E agora o pessoal lá da empresa de cobrança quer o dinheiro. O que quer você que eu faça? Que perca meu emprego? De jeito nenhum. Vou ficar aqui até você cumprir sua obrigação.

Chovia mais forte, agora. Borrada, a inscrição tornara-se ilegível. A ele, isso pouco importava: continuava andando de um lado para outro, diante da casa, carregando o seu cartaz.

(Adaptado de: SCLAR, Moacyr. O imaginário cotidiano. São Paulo: Global, 2002)

Chovia mais forte, agora. Borrada, a inscrição tornara-se ilegível. A ele, isso pouco importava: continuava andando de um lado para outro, diante da casa, carregando o seu cartaz. (18º parágrafo).

No trecho acima, o narrador relata alguns fatos ocorridos no passado. Um fato anterior a esse tempo passado está indicado pela seguinte forma verbal:

- a) Chovia.
- b) tornara.
- c) importava.
- d) continuava.
- e) carregando.

10. (FCC – 2022) Considere o texto abaixo, do pensador francês Voltaire (1694-1778), para responder à questão.

O preço da justiça

Vós, que trabalhais na reforma das leis, pensai, assim como grande jurisconsulto Beccaria, se é racional que, para ensinar os homens a detestar o homicídio, os magistrados sejam homicidas e matem um homem em grande aparato.

Vede se é necessário matá-lo quando é possível puni-lo de outra maneira, e se cabe empregar um de vossos compatriotas para massacrar habilmente outro compatriota. [...] Em qualquer circunstância, condenai o criminoso a viver para ser útil: que ele trabalhe continuamente para seu país, porque ele prejudicou o seu país. É preciso reparar o prejuízo; a morte não repara nada.

Talvez alguém vos diga: “O senhor Beccaria está enganado: a preferência que ele dá a trabalhos penosos e úteis, que durem toda a vida, baseia-se apenas na opinião de que essa longa e ignominiosa pena é mais terrível que a morte, pois esta só é sentida por um momento”.

Não se trata de discutir qual é a punição mais suave, porém a mais útil. O grande objetivo, como já dissemos em outra passagem, é servir o público; e, sem dúvida, um homem votado todos os dias de sua vida a preservar uma região da inundação por meio de diques, ou a abrir canais que facilitem o comércio, ou a drenar pântanos infestados, presta mais serviços ao Estado que um esqueleto a pendular de uma força numa corrente de ferro, ou desfeito em pedaços sobre uma roda de carroça.

(VOLTAIRE. O preço da justiça. Trad. Ivone Castilho Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 2001, p. 18-20)

As formas verbais em vós que trabalhais, pensai e vede, uma vez flexionadas na 2ª pessoa do singular, ficarão, respectivamente:

- tu que trabalha, pense, veja.
- tu que trabalhas, pensa, vê.
- tu que trabalhas, pensas, vejas.
- tu que trabalhes, penses, vês.
- tu que trabalhe, pense, vê.

11. (FCC – 2022) Atenção: Para responder à questão, leia a crônica abaixo.

Um jornal é lido por muita gente, em muitos lugares; o que ele diz precisa interessar, senão a todos, pelo menos a um certo número de pessoas. Mas o que me brota espontaneamente da máquina, hoje, não interessa a ninguém, salvo a mim mesmo. O leitor, portanto, faça o obséquio de mudar de coluna. Trata-se de um gato.

Não é a primeira vez que o tomo para objeto de escrita. Há tempos, contei de Inácio e de sua convivência. Inácio estava na graça do crescimento, e suas atitudes faziam descobrir um encanto novo no encanto imemorial dos gatos. Mas Inácio desapareceu – e sua falta é mais importante para mim do que as reformas do ministério.b

Gatos somem no Rio de Janeiro. Dizia-se que o fenômeno se relacionava com a indústria doméstica das cuícas, localizada nos morros. Agora ouço dizer que se relaciona com a vida cara e a escassez de alimentos. À falta de uma fatia de vitela, há indivíduos que se consolam comendo carne de gato, caça tão esquiwa quanto a outra.

O fato sociológico ou econômico me escapa. Não é a sorte geral dos gatos que me preocupa. Concentro-me em Inácio, em seu destino não sabido.

Eram duas da madrugada quando o pintor Reis Júnior, que passeia a essa hora com o seu cachimbo e o seu cão, me bateu à porta, noticioso.c Em suas andanças, vira um gato cor de ouro como Inácio – cor incomum em gatos comuns – e se dispunha a ajudar-me na captura. Lá fomos sob o vento da praia, em seu encalço. E no luga indicado, pequeno jardim fronteiro a um edifício, estava o gato. A luz não dava para identificá-lo, e ele se recusou à intimidade. Chamados afetuosos não o comoveram tentativas de aproximação se frustraram. Ele fugia sempre, para voltar se nos via distantes. Amava.

Seria iníquo apartá-lo do alvo de sua obstinada contemplação, a poucos metros. Desistimos. Se for Inácio, pensei, dentro de um ou dois dias estará de voltae. Não voltou.

Um gato vive um pouco nas poltronas, no cimento ao sol, no telhado sob a lua. Vive também sobre a mesa do escritório, e o salto preciso que ele dá para atingi-la é mais do que impulso para a cultura. É o movimento civilizado de um organismo

plenamente ajustado às leis físicas, e que não carece de suplemento de informação. Livros e papéis, sim, beneficiam-se com a sua presteza austera. Mais do que a coruja, o gato é símbolo e guardião da vida intelectual.

Depois que sumiu Inácio, esses pedaços da casa se desvalorizaram. Falta-lhes a nota grave e macia de Inácio. É extraordinário como o gato “funciona” em uma casa: em silêncio, indiferente, mas adesivo e cheio de personalidade. Se se agravar a mediocridade destas crônicas, os senhores estão avisados: é falta de Inácio. Se tinham alguma coisa aproveitável era a presença de Inácio a meu lado, sua crítica muda, através dos olhos de topázio que longamente me fitavam, aprovando algum trecho feliz ou através do sono profundo, que antecipa a reação provável dos leitores.

Poderia botar anúncio no jornal. Para quê? Ninguém está pensando em achar gatos. Se Inácio estiver vivo e não sequestrado, voltará sem explicações. É próprio do gato sair sem pedir licença, voltar sem dar satisfação. Se o roubaram, é homenagem a seu charme pessoal, misto de circunspeção e leveza; tratem-no bem, nesse caso, para justificar o roubo, e ainda porque maltratar animais é uma forma de desonestidade. Finalmente, se tiver de voltar, gostaria que o fizesse por conta própria, com suas patas; com a altivez, a serenidade e a elegância dos gatos.

(ANDRADE, Carlos Drummond. Cadeira de balanço. São Paulo: Companhia das Letras, 2020)

O cronista relata uma série de eventos ocorridos no passado. Um evento anterior a esse tempo passado está indicado pela forma verbal sublinhada em:

- Inácio estava na graça do crescimento, e suas atitudes faziam descobrir um encanto novo no encanto imemorial dos gatos.
- Mas Inácio **desapareceu** – e sua falta é mais importante para mim do que as reformas do ministério.
- Eram duas da madrugada quando o pintor Reis Júnior, que **passeia** a essa hora com o seu cachimbo e o seu cão, me bateu à porta, noticioso.
- Em suas andanças, vira um gato cor de ouro como Inácio – cor incomum em gatos comuns – e se dispunha a ajudar-me na captura.
- Se for Inácio, pensei, dentro de um ou dois dias **estará** de volta.

12. (FCC – 2022) Para responder a questão, considere o texto abaixo.

Minha primeira tentativa de ler Dom Quixote de la Mancha, de Miguel de Cervantes, foi um fracasso. Eu ainda estava na escola e me confundia com as frases longas e as palavras antigas. Acabei desistindo.

Anos depois, li do começo ao fim, desfrutando cada página da história daquela dupla inusitada: o cavaleiro idealista determinado a transformar a realidade para que se assemelhe à de seus livros e seus sonhos; e o escudeiro pragmático que tenta manter seu mestre na dura realidade para que ele não se perca nas nuvens da fantasia.

Tudo é deslumbrante nesse livro, que simboliza melhor do que qualquer outro a infinita variedade da língua espanhola para expressar a condição humana com todas as nuances, a fantasia que leva o ser humano a transformar a vida. Em outras palavras, a forma como a literatura nos defende da frustração, do fracasso e da mediocridade.

O mundo estreito e provinciano de La Mancha, pelo qual Dom Quixote e Sancho fazem sua peregrinação, pouco a pouco se torna, graças à coragem do determinado cavaleiro andante, um universo de aventuras insólitas, em que se entrelaçam audácia, absurdo e humor, para nos mostrar como a imaginação pode transformar o tédio em aventura e converter o cotidiano em uma peripécia inusitada em que se alternam o maravilhoso, o milagroso, o patético – todos os matizes de que se faz a vida.

Em livro recente, o crítico Santiago Muñoz Machado analisa as biografias mais importantes do escritor Miguel de Cervantes para saber em que sociedade surgiu Dom Quixote. O leitor da obra de Muñoz Machado encontrará tudo: o aparato jurídico que reinava na Espanha enquanto Cervantes escrevia as aventuras de Dom Quixote, as festas populares, a propagação da feitiçaria, os crimes da Inquisição, a vida elevada dos artistas, a mentalidade militar à sombra da Coroa.

Cervantes era um homem simples e miserável, aparentemente desde muito jovem. No começo da vida, um crime o leva para a Itália. Como todos os humildes, ele se torna soldado. E guerreira em Lepanto contra os turcos, quando não deveria, por causa de condição de que sofria. E, então, devido a raptos berberiscos, ele passou cinco anos em Argel, onde deve ter sofrido o indescritível, sobretudo depois de suas tentativas de fuga. Padres trinitarianos o salvaram, pagando seu resgate. Na Espanha, tentou ir para a América, mas o Estado sequer respondeu às suas cartas. Ou seja, com ele tudo acontecia de maneira tal que ele poderia muito bem se torna ressentido. E, no entanto, a generosidade e a hombridade de Cervantes estão mais do que garantidas. Era um homem sem remorso, preocupado em elevar a vida de seus concidadãos. Um homem bom e idealista.

Quando li Dom Quixote, já havia muito tempo que lia romances de cavalaria, nos quais o formalismo tentava frear os excessos da época. Sob a ferocidade das batalhas surgiu um mundo de paz e ordem, segundo um plano rígido destinado a acabar com a espontaneidade que mostrava o mundo como ele é: pútrido e irremediável. Será que, depois de tanto sofrer na vida, Cervantes também não tivesse buscado a mesma coisa?

(Adaptado de: LLOSA, Mario Vargas. Disponível em: www.cultura.estadao.com.br. Acessado em: 05.05.2022)

me confundia com as frases longas e as palavras antigas.

O verbo flexionado nos mesmos tempo e modo do da frase acima está em:

- para que ele não se perca nas nuvens da fantasia.
- Era um homem sem remorso.
- um universo de aventuras insólitas, em que se entrelaçam audácia, absurdo e humor.
- O leitor da obra de Muñoz Machado encontrará tudo.
- ele poderia muito bem se tornar ressentido.

13. (FCC – 2022) Para responder à questão, baseie-se no texto abaixo.

Brincadeiras de criança

Entre as crianças daquele tempo, na hora de formar grupos pra brincar, alguém separava as sílabas enquanto ia rodando e apontando cada um com o dedo: “Lá em ci-ma do pi-a-no tem um co-po de ve-ne-no, quem be-beu mor-reu, o cul-pa-do não fui eu”. Piano? Qual? Veneno? Por quê? Morreu? Quem? Tratava-se de uma “parlenda”^{*} como aprendi bem mais tarde, mas podem chamar de surrealismo, enigma, senha mágica, charada...

Mesmo as nossas cartilhas de alfabetização tinham seus mistérios: uma das lições iniciais era a frase “A macaca é má”, com a ilustração de uma macaquinha espantada e a exploração repetida das sílabas “ma” e “ca”. Ponto. Nenhuma história? Por que era má a macaquinha? Depois aprendi que “má macaca” é um parequema^{**}. A gente va ficando sabido e ignorando o essencial. O que, afinal, teria aprontado a má macaquinha da cartilha?

A grande poeta Orides Fontela usou como epígrafe de um de seus livros de alta poesia (Helianteo, 1973) esta popular quadrinha de cantiga de roda:

“Menina, minha menina,
Faz favor de entrar na roda
Cante um verso bem bonito
Diga adeus e vá-se embora”

Ou seja: brincando, brincando, eis a nossa vida resumida, em meio aos densos poemas de Orides, a nossa vida, em que cada um de nós se apresenta aos outros, busca dizer com capricho a que veio no tempinho que teve e...adeus. Podem soar fundo as palavras mais inocentes: “ir-se embora”, depois da viva roda... E ir-se embora sem saber mais nada daquele copo de veneno em cima do piano ou da macaquinha da cartilha, eternamente condenada a ser má. Ir-se embora já ouvindo bem ao longe as vozes das crianças cantando na roda.

^{*} parlenda: palavreado utilizado em brincadeiras infantis ou jogos de memorização.

^{**} parequema: repetição de sons ou da sílaba final de uma palavra, no início da palavra seguinte.

(Adaptado de: MACEDÔNIO, Faustino. Casos de almanaque, a publicar)

As flexões dos verbos e as relações entre seus tempos e modos estão adequadamente observadas na frase:

- Caso não se mantivessem algumas tradições culturais, muitas das brincadeiras infantis teriam deixado de existir e de reviver em nossa memória.
- Ainda que não nos detéssemos muito nas palavras que cantávamos, elas nos remetessem a uma espécie de atmosfera mágica.
- Muitos de nós, leitores de cartilha, talvez supôssemos o que terá ocorrido para se considerar malvada uma tão simpática macaquinha.
- Se alguém vier para o meio da roda e se dispor a cantar, que nos presenteasse a todos com uns versos bem bonitos.
- No caso de houver interesse em cantar bonito na roda, bastaria que alguém se apresente e já dê início à canção memorizada.

14. (FCC – 2022)

O animal humano, que é parte da natureza e que dela depende, não se resignou a viver para sempre à mercê dos frutos espontâneos da terra. O desafio que desde logo se insinuou foi: como induzir o mundo natural a somar forças e multiplicar o resultado do esforço humano? Como colocá-lo a serviço do homem? O passo decisivo nessa busca foi a descoberta, antes prática que teórica, de que “domina-se a natureza obedecendo-se a ela”. A sagacidade do animal humano soube encontrar nos caminhos do mundo como ele se põe (natura naturans: “a natureza causando a natureza”) as chaves de acesso ao mundo como ele pode ser (natura naturata: “a natureza causada”).

Processos naturais, desde que devidamente sujeitos à observação e direcionamento pela mão do homem, **podiam se tornar inigualáveis aliados na luta pelo sustento diário.** ^(b) Em vez de tão somente surpreender e pilhar os seres vivos que a natureza oferece para uso e desfrute imediato, como fazia o caçador-coletor, tratava-se de compreender suas regularidades, acatar sua lógica, identificar e aprimorar suas espécies mais promissoras e, desse modo, cooptá-los em definitivo para a tarefa de potencializar os meios de vida. **Se a realidade designada pelo termo civilização não se deixa definir com facilidade,** ^(a) uma coisa é certa: **nenhum conceito que deixe de dar o devido peso a essa mudança na relação homem-natureza poderá ser julgado completo.** ^(c) **A domesticação sistemática, em larga escala, de plantas e animais deu à humanidade maior segurança** ^(d) alimentar e trouxe extraordinárias conquistas materiais.

Mas ela não veio só. O advento da sociedade agropastoril teve como contrapartida direta e necessária uma mudança menos saliente à primeira vista, mas nem por isso de menor monta: a profunda transformação da psicologia temporal do animal humano.

A domesticação da natureza externa exigiu um enorme empenho na domesticação da natureza interna do homem. Pois a prática da agricultura e do pastoreio implicou uma vasta readaptação dos valores, crenças, instituições e formas de vida aos seus métodos e exigências. Entre os acontecimentos da história mundial que modificaram de maneira permanente os hábitos mentais do homem, seria difícil encontrar algum que

pudesse rivalizar com o impacto da transição para a sociedade de base agrícola e pastoril em toda a forma como percebemos e lidamos com a dimensão temporal da vida prática.

(GIANNETTI, Eduardo. O valor do amanhã. São Paulo: Companhia das Letras, edição digital. Adaptado

tratava-se de compreender suas regularidades

O verbo sublinhado acima está flexionado nos mesmos tempo e modo que o verbo sublinhado em:

- Se a realidade designada pelo termo civilização não se **deixa** definir com facilidade
- podiam** se tornar inigualáveis aliados na luta pelo sustento diário.
- nenhum conceito ou definição que **deixe** de dar o devido peso a essa mudança
- A domesticação sistemática, em larga escala, de plantas e animais **deu** à humanidade maior segurança
- nenhum conceito que deixe de dar o devido peso a essa mudança na relação homem-natureza **poderá** ser julgado completo.

15. (FCC — 2022) Atenção: Para responder à questão, baseie-se no texto abaixo.

Se é verdade que a capacidade de ficar perplexo é o começo da sabedoria, então esta verdade é um triste comentário à sabedoria do homem moderno. Quaisquer que sejam os méritos de nosso elevado grau de educação literária e universal, perdemos o dom de ficar perplexos. Imagina-se que tudo seja conhecido – senão por nós, por algum especialista cujo mister seja saber aquilo que não sabemos. De fato, ficar perplexo é constrangedor, um indício de inferioridade intelectual. A medida que vamos envelhecendo, aos poucos perdemos a capacidade de ficar surpresos. Até as crianças raramente se surpreendem, ou pelo menos procuram não demonstrar isso. Saber as respostas certas parece ser o principal; em comparação, considera-se insignificante o saber fazer as perguntas certas.

Quicá seja esta atitude uma razão por que um dos mais enigmáticos fenômenos de nossa vida, os nossos sonhos, dê margem a pouco espanto e suscite tão poucas perguntas. Todos sonhamos: não entendemos nossos sonhos, e no entanto agimos como se de nada estranho corresse em nossas mentes adormecidas, estranho ao menos em comparação com as atividades lógicas, deliberadas, de nossas mentes quando estamos acordados.

Quando acordados, somos seres ativos, racionais, ávidos por tentar obter o que desejamos e prontos a defender-nos contra qualquer ataque. Agimos e observamos vemos o mundo exterior, talvez não como seja, mas no mínimo de maneira tal que o possamos usar e manipular. Todavia, também somos bastante desprovidos de imaginação, e raramente – exceto quando crianças ou se somos poetas – logramos conceber mais do que meras duplicações dos acontecimentos e tramas de nossa experiência concreta. Somos eficientes, mas um tanto desenxabidos. Denominamos ao campo de nossa observação diurna “realidade” e orgulhamo-nos de nosso “realismo” e de nossa habilidade de manipulá-la.

(Adaptado de: FROMM, Erich. A linguagem esquecida. Trad.: VELHO, Octavio Alves. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 1966

Todavia, também somos bastante desprovidos de imaginação, e raramente – exceto quando crianças ou se somos poetas – logramos conceber mais do que meras duplicações dos acontecimentos e tramas de nossa experiência concreta.

Numa nova redação, mantém-se a adequada correlação entre os tempos e modos verbais da frase acima substituindo-se os verbos sublinhados por:

- seremos, seríamos, lográvamos
- somos, fomos, lográvamos
- éramos, formos, lográvamos
- fôramos, fôramos, lográsemos
- fomos, fôssemos, logramos

16. (FCC — 2022) Atenção: Considere o texto a seguir para responder à questão.

A independência política em 1822 não trouxe muitas novidades^d em termos institucionais, mas consolidou um objetivo claro, qual seja: estruturar e justificar uma nova nação.

A tarefa não era pequena e quem a assumiu foi o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB), que, aberto em 1838, no Rio de Janeiro, logo deixaria claras suas principais metas: construir uma história que elevasse o passado e que fosse patriótica nas suas proposições, trabalhos e argumentos.

Para referendar a coerência da filosofia que inaugurou o IHGB, basta prestar atenção no primeiro concurso público por lá organizado. Em 1844, abriam-se as portas para os candidatos que se dispusessem a discorrer sobre uma questão espinhosa: “Como se deve escrever a história do Brasil”. Tratava-se de inventar uma nova história do e para o Brasil. Foi dado, então, um pontapé inicial, e fundamental, para a disciplina que chamaríamos, anos mais tarde, e com grande naturalidade^e, de “História do Brasil”.

A singularidade da competição também ficou associada a seu resultado e à divulgação do nome do vencedor. O primeiro lugar, nessa disputa histórica, foi para um estrangeiro – o conhecido naturalista bávaro Karl von Martius (1794-1868), cientista de ilibada importância, embora novato no que dizia respeito à história em geral e àquela do Brasil em particular –, o qual advogou a tese de que o país se definia por sua mistura, sem igual, de gentes e povos. Utilizando a metáfora de um caudaloso

rio, correspondente à herança portuguesa que acabaria por “limpar” e “absorver os pequenos confluente das raças índia e etiópica”, representava o país a partir da singularidade e dimensão da mestiçagem de povos por aqui existentes.

A essa altura, porém, e depois de tantos séculos de vigência de um sistema violento como o escravocrata, era no mínimo complicado simplesmente exaltar a harmonia Além do mais, indígenas continuavam sendo dizimados no litoral e no interior do país.

Martius, que em 1832 havia publicado um ensaio chamado “O estado do direito entre os autóctones no Brasil”, condenando os indígenas ao desaparecimento, agora optava por definir o país por meio da redentora metáfora fluvial. Três longos rios resumiriam a nação^b: um grande e caudaloso, formado pelas populações brancas; outro um pouco menor, nutrido pelos indígenas; e ainda outro, mais diminuto, alimentado pelos negros.

Ali estavam, pois, os três povos formadores do Brasil; todos juntos, mas (também) diferentes e separados. Mistura não era (e nunca foi) sinônimo de igualdade. Essa era uma ótima maneira de “inventar” uma história não só particular (uma monarquia tropical e mestiçada) como também muito otimista: a água que corria representava o futuro desse país constituído por um grande rio caudaloso no qual desaguiavam os demais pequenos afluentes.

É possível dizer que começava a ganhar força então a ladainha das três raças formadoras da nação, que continuaria encontrando ampla ressonância no Brasil, pelo tempo afora.

(Adaptado de: SCHWARCZ, Lília Moritz. Sobre o autoritarismo brasileiro. São Paulo: Companhia das Letras, 2019

O verbo sublinhado no segmento Mistura não era (e nunca foi) sinônimo de igualdade está flexionado nos mesmos tempo e modo que o sublinhado em:

- a disciplina que **chamaríamos**, anos mais tarde, e com grande naturalidade
- Três longos rios **resumiriam** a nação
- O primeiro lugar, nessa disputa histórica, **foi** para um estrangeiro
- A independência política em 1822 não **troux**e muitas novidades
- a água que **corria** representava o futuro desse país

17. (FCC – 2022) Atenção: Para responder à questão, baseie-se no texto abaixo.

Escravo da razão

O grande pensador Montaigne (1533-1592) foi um conservador, mas nada teve de rígido ou estreito, muito menos de dogmático. Por temperamento e razão foi bem o contrário de um revolucionário; certamente faltaram-lhe a fé e a energia de um homem de ação, o idealismo e a vontade. Seu conservadorismo pode ser visto, sob certos aspectos, como o que no século XIX viria a ser chamado de liberalismo. Em sua concepção política o indivíduo é deixado livre dentro do quadro das leis e procura torna tão leve quanto possível a autoridade do Estado.

Para Montaigne, o melhor governo seria o que menos se faz sentir e assegura a ordem pública sem pôr em perigo a vida privada, e sem pretender orientar os espíritos. Um tal tipo de governo é o que convém a homens esclarecidos, conscientes de seus direitos e deveres, obedientes às leis, homens que agem não por temor, mas por vontade própria.

Escravo da razão, Montaigne transmitiu essa servidão à filosofia que lhe sucedeu e marcou uma linha de desenvolvimento do pensamento ocidental. Com ela, destruiu verdades dogmáticas e mostrou que todas se contradizem, mas deixou aberta a possibilidade de se concluir que a própria contradição possa encerrar uma verdade.

(Extraído do encarte sem indicação autora do volume MONTAIGNE, da coleção Os Pensadores. Porto Alegre: Globo, 1972, p. 223)

Os tempos verbais estão adequadamente articulados na frase:

- Ao tempo de Montaigne, ninguém poderia supor que ele exerça influência sobre os liberais do século XIX.
- No caso de que ache vicioso o pensamento de alguém, Montaigne logo identificaria as contradições nele presentes.
- Um verdadeiro filósofo, se lhe convier servir aos ditames da razão, não terá hesitado em enfrentar contradições do pensamento.
- As verdades dogmáticas que Montaigne teria a enfrentar certamente provocarão sua reação dialética em face das contradições.
- Ao filósofo nunca lhe faltará coragem para testar a força da dialética diante das contradições que se ofereçam ao seu pensamento.

18. (FCC – 2022) Atenção: Leia o trecho da crônica “Modéstia”, de Carlos Drummond de Andrade, para responder à questão.

Certo Juca Ludovico, oficial de carpinteiro, acordou um dia com a alma transformada. Começou por faltar ao serviço, a que era assíduo. Surpreendendo a consorte, dirigiu-se ao botiquim e pagou cerveja para todos. Juca não era forreta, mas a libação matinal e coletiva não tinha propósito. Aos que chegavam e inquiriam com o olhar, ele ia dizendo: “Abanquem-se e tomem parte na minha satisfação. Vão acontecer grandes coisas por meu arbítrio, e quero estar à altura dos acontecimentos”. Os ouvintes pasmavam e bebiam. Juca não entrava no miúdo, falava em honras, feitos e bens, sem particularizá-los, mas sentia-se que pisara a caçamba de altas cavalarias.

O pior é que não endoicecera; estava dominado pelo Capeta, que no sono lhe inflara o apetite de glória. Raciocinava perfeitamente nas coisas triviais, insistindo porém em que sua vida mudara. Ofereceu emprego a um, deu a outro uma fazenda de gado. Pedia apenas que esperassem duas semanas, tempo bastante para receber do Banco da Inglaterra o ouro que ali devia estar à sua disposição, e que de boa mente partilharia com a multidão. Pode-se descrever do juízo de um homem que rasgue dinheiro, não porém do de outro que reparta dinheiro conosco.

Disfarçado em fogueiteiro, e por via das dúvidas embuçado na capa preta, o Diabo misturava-se com a turba, sorria, esfregava os cascos. Apenas dona Neném, senhora idosa e devota, olhava tudo de beijo reprovador, e interpelou-o: “Juca, meu sobrinho, de onde te vem tamanho poder?”. Ele não se deu por achado: “Ora, minha tia, então não vê que é de meu padrinho

sr. são José? Ele me procurou esta noite e disse: Vai e faz brilhar o nosso nome. És a flor dos José, e por tua valia serei cultuado na terra toda”. “Pois eu duvido”, retrucou dona Neném. “Vamos entrar na igreja e conversar com são José.”

Dona Neném, Juca e a multidão entraram de roldão. O altar do santo nem estava florido; era todo humildade e recato. Juca postou-se em relevo e soltou o verbo: “Aqui está, meu padrinho, a multidão que eu trouxe para servi-lo. Se o senhor me prestigiar, como espero, eles levarão sua imagem por toda parte e receberão grandezas. Faça um sinal com a ponta do dedo mindinho, e minha tia se convencerá”.

O dedo de são José não se mexeu. “São José”, continuou Juca, “nosso trato está firme. Eu o estou cumprindo, agora é a sua vez. Preciso de meios para agir. A propaganda custa caro. Tenho de distribuir mercês a amigos e inimigos, atrair incrédulos. Depende do senhor, padrinho”.

São José não respondia. “Será possível que o senhor não escute bem? Uma palavrinha sua, e irei a uma cadeia de rádio e televisão iniciar a campanha de esclarecimento universal.”

O santo, na moita. “Ele está assim porque ainda não me lembrei de melhorar o seu altarzinho, ora veja! Fique tranquilo, meu santo. Vou fazer-lhe uma igreja de ouro e em volta construirei uma cidade inteira em sua honra; será a primeira do mundo e nela só habitarão os eleitos, sob minha chefia. Combinado? Agora mova o dedinho.”

A expectativa era enorme. Dona Neném, trêmula, chegada ao altar, viu, horrorizada, mover-se, não o dedo, mas a mão inteira de são José. E estendendo-se o braço, a mão pousou no ombro de Juca. “Estão vendo?”, parecia dizer o olhar deste, pois a boca, maravilhada, não piava. E são José sorrindo, mansamente, disse estas palavras: “Juca, volte à oficina, pegue da enxó e da plaina e trabalhe como de costume. Essas coisas não lhe ficam bem, meu filho”. Ouviu-se um estouro no adro. Era o Diabo que explodia, de ódio.

(Adaptado de: ANDRADE, Carlos Drummond de. A bolsa e a vida. São Paulo: Companhia das Letras, 2012)

Raciocinava perfeitamente nas coisas triviais, insistindo porém em que sua vida mudara. Ofereceu emprego a um, deu a outro uma fazenda de gado. No trecho acima, o cronista relata alguns fatos ocorridos no passado. Um fato anterior a esse tempo passado está indicado pela seguinte forma verbal:

- “Raciocinava”.
- “mudara”.
- “insistindo”.
- “Ofereceu”.
- “deu”.

19. (FCC – 2022) Para responder à questão, leia o texto abaixo.

Meu caro,

Não pense que me esqueci das minhas obrigações, muito me aflige estar em dívida com você. Fiquei de lhe entregar os originais até o fim de 2015, e lá se vão três anos. Como deve ser do seu conhecimento, passei ultimamente por diversas atribuições: separação, mudança, seguro-fiança para o novo apartamento, despesas com advogados, prostatite aguda, o diabo. Não bastassem os perrengues pessoais, ficou difícil me dedicar a devaneios literários sem ser afetado pelos acontecimentos recentes no nosso país. Já gastei o adiantado que você generosamente me concedeu, e ainda me falta paz de espírito para alinhar os escritos em que tenho trabalhado sem trégua. Sei que é impróprio incomodá-lo num momento em que a crise econômica parece não ter arrefecido conforme se esperava. Estou ciente das severas condições do mercado editorial, mas se o amigo puder me adiantar mais uma parcela dos meus royalties, tratarei de me isolar por uns meses nas montanhas, a fim de o regalar com um romance que haverá de lhe dar grandes alegrias.

Um forte abraço.

(Adaptado de: BUARQUE, Chico. Essa gente. São Paulo: Companhia das Letras, 2019, edição digital)